

CONSIDERAÇÕES SOBRE EMPÉDOCLES E A ORDEM ÓRFICO-PITAGÓRICA¹

CONSIDERATIONS ON EMPEDOCLES AND THE ORPHIC-PYTHAGOREAN ORDER

IVANETE PEREIRA²

Resumo: O texto apresenta algumas considerações sobre as conhecidas notícias da vinculação do filósofo pré-socrático Empédocles com as doutrinas místicas abarcadas sob o rótulo de órfico-pitagorismo e, mais especificamente, sua filiação à ordem pitagórica. O iniciado nos mistérios dessa ordem tem o domínio de seu *prapídes* e é um *theiós anér*. Para esse “homem sagrado”, é possível alcançar a *sophia* divina, através da contemplação da verdade, e tornar-se um *philosophós*. O texto pretende mostrar que Empédocles foi um desses homens.

Palavras-chave: Empédocles, *mystikós*, orfismo, pitagorismo, mito.

Abstract: This paper presents some considerations about the pre-Socratic philosopher Empedocles and his links with the Orphic-Pythagorean mystical doctrines, and, more specifically, his affiliation with the Pythagorean order. The initiated in the mysteries of that order has the command of his *prapídes* and is a *theiós anér*. This sacred man can reach the divine *sophia* by contemplation of the truth, becoming a *philosophós*. We aim to demonstrate that Empedocles was one of those men.

Key-words: Empedocles, *mystikós*, orphic, pythagorean, myth.

Ao deparar-se com textos gregos antigos, filosóficos ou não, o leitor surpreende-se com a presença marcante do sagrado. Desde o apogeu dos deuses olímpicos na poesia de Homero e Hesíodo, passando por textos dos filósofos pré-socráticos, até chegar a Sócrates, Platão e Aristóteles, a divindade, o *theós*, jamais esteve ausente, seja apresentando-se na forma mítica primordial, seja traspassada do misticismo das religiões de mistérios eleusínios,

¹ Este estudo, com algumas modificações, é parte da dissertação de Mestrado **Aspectos Sagrados do Mito e do Lógos: Poesia Hesíodica e Filosofia de Empédocles**, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 09/05/2003.

² Ivanete Pereira é pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: ivanetepereira@uol.com.br

dionisíacos, órficos, pitagóricos, seja assumindo sentidos mais sofisticados, como se vê em Platão e Aristóteles.

Queremos falar aqui acerca de um desses aspectos sagrados, de ordem mística, presente em diversos textos gregos, filosóficos ou não, cuja influência estudamos recentemente no filósofo pré-socrático Empédocles. Falamos aqui da doutrina mística órfico-pitagórica.

Antes de passar adiante, uma palavra acerca do termo “místico”.

Segundo o **Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque**³, de E. Bosaicq, a palavra *mystes* significa “iniciado”, o termo *mystikós* quer dizer “que concerne aos mistérios” e a palavra *mysterion*, por sua vez, equívale a “coisa secreta ou cerimônia secreta”. Os termos derivam da raiz grega *myo*, que significa “fechar-se ou ser fechado (lábios, olhos, úlceras)”⁴.

Um místico é um membro de determinada ordem fechada, cujos mistérios desvelam-se somente aos que neles são iniciados através de rituais próprios da ordem. Como explica F. M. Cornford:

As doutrinas da mística são secretas, pois não se trata de crenças abstratas e frias, ou de artigos de um credo que é possível ensinar e explicar mediante processos intelectuais... A ‘verdade’ que a mística guarda em si é algo passível de apreensão somente ao ser experimentado (*patheîn matheîn*)⁵.

R. Otto⁶ define o termo “mistério” como: “o que está oculto” ou “escondido”, ou, “o que [ainda] não é manifesto, aquilo que não é concebido nem compreendido, o extraordinário e o estranho”. No caso dos mistérios inerentes às ordens religiosas, deve-se acrescentar que serão sempre ocultos, escondidos, incompreensíveis e estranhos aos não-iniciados, mas plenamente vivenciados pelos membros iniciados.

Segundo F. M. Cornford, a experiência mística consiste em uma experiência emocional do iniciado, não vinculada à atividade intelectual, de unidade com o cosmos. Por esse caráter não intelectual, ou não racional, é indescritível e incomunicável através de simples ensinamentos, alcançável apenas por iniciação. Somente através de rituais próprios da religião, o místico comunga com os mistérios e os apreende. Como diz o autor, a experiência mística:

³ BOSAICQ, E. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque**. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1916, p. 653-654.

⁴ *Id.*, p. 654.

⁵ CORNFORD, F. M. **De la religión a la filosofía**. Trad. Antonio Pérez Ramos. 1 ed. Barcelona: Editorial Ariel, 1984, p. 230.

⁶ OTTO, R. **O Sagrado**. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 22.

...consiste, em essência, em uma experiência não intelectual mas sim emocional, nesse sentimento invasor e inebriante de unidade, de reunião e comunhão com a vida do mundo que o gênio místico de todas as idades parece possuir em comum, sem importar aqui os termos teológicos que *a posteriori* o expressarão⁷.

Entre os gregos antigos existiu um culto místico baseado na saga do cantor mítico Orfeu, denominada religião órfica ou simplesmente orfismo. Considera-se essa tradição responsável pelo surgimento de uma das primeiras teorias sobre a alma, entre os gregos.

A importância do orfismo como uma espécie de primeira (ou uma das primeiras) teoria sobre a alma imortal faz-se notar em Pitágoras, Empédocles, Platão, e, como pensa W. Jaeger, até em Aristóteles. Em sua obra **Paidéia**, esse autor enfatiza que sem o conceito órfico da alma “seria impensável a concepção platônica e aristotélica da divindade do espírito e a distinção entre o homem meramente sensível e o seu próprio *eu*, que constitui sua vocação mais plena”⁸.

Já em seu livro, **La teología de los primeros filósofos griegos**, o mesmo autor afirma que:

Os mitos gregos sobre a alma não foram fruto do espírito filosófico, mas surgiram do movimento religioso do orfismo. Mas, este movimento forma uma linha reta com a filosofia⁹.

E diz, ainda, que:

Basta pensar num filósofo como Empédocles, impregnado da concepção órfica da divindade, para atestar a profunda e persistente afinidade da nova religião com os problemas do pensamento filosófico, a qual é visível em Pitágoras pela primeira vez. [fazendo notar que] Empédocles exalta Pitágoras no seu poema órfico, as **Purificações**¹⁰.

A nós, estudiosos de filosofia antiga, sob pena de não alcançarmos entender certos ângulos de textos gregos, é imprescindível compreender melhor essa doutrina de mistérios — na medida do possível, pois, tendo em vista o próprio sentido do termo “mistério”, é crível que a maioria deles permaneceu como tal aos não iniciados, e que, sendo assim, não chegaram até nós.

Mas, também não devemos, como alerta W. Jaeger¹¹, permitir que sejamos tomados pela *theoría* órfica a ponto de buscá-la em todos os filósofos gregos.

⁷ CORNFORD, F. M. *Op. cit.*, p. 230.

⁸ JAEGER, W. **Paidéia. A formação do homem grego**. Trad. de Artur M. Parreira. São Paulo: Ed. Herder, s/d., p. 196.

⁹ JAEGER, W. **La Teología de los primeros filósofos griegos**. Trad. José Gaos. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1998, p. 77.

¹⁰ JAEGER, W. **Paidéia...**, p. 196.

¹¹ JAEGER, W. **La Teología...**, p. 64.

No entanto, no caso do pré-socrático Empédocles, parece-nos que, se o fizermos, não incorremos nesse tipo de exagero, pois esse filósofo parece de fato ter sido um *mystikós*, um iniciado em certa ordem órfica de mistérios.

No entanto, Empédocles não é apenas órfico, pois, pelas inúmeras notícias disponíveis (algumas das quais veremos), conclui-se que a ordem de mistérios a que pertence denomina-se pitagórica, ou órfico-pitagórica. E o que vem ser essa ordem, tão mencionada nas notícias relativas a Empédocles?

De acordo com F. M. Cornford¹², o movimento pitagórico consistiu, em parte, na reforma da religião órfica mais antiga, realizada por Pitágoras e seus seguidores, razão pela qual convencionou-se nomear o movimento de órfico-pitagórico.

A religião órfica, para descrevê-la resumidamente, consiste no culto baseado na saga do cantor mítico Orfeu. A versão mais corrente do mito relata, entre outras coisas, o descenso de Orfeu ao Hades em busca da esposa Eurídice, seu retorno ao mundo sem a amada, por ter desobedecido as ordens de Perséfone e Hades para que não olhasse para trás, sua morte trágica, despedaçado por uma horda de mulheres trácias enlouquecidas, e, finalmente, a ida de sua alma para os Campos Elíseos, a morada dos heróis imortais. A saga de Orfeu representa a saga da alma. Segundo P. Grimal: “Da descida aos infernos em busca de Eurídice, acreditava-se que ele tinha trazido indicações sobre o modo de penetrar no país dos bem-aventurados, evitando os obstáculos e armadilhas que esperam a alma depois da morte”¹³.

O movimento órfico, por sua vez, parece ter sido uma reforma do culto ao deus Dioniso. Não trataremos do dionisismo aqui. Diremos apenas que: enquanto o culto a Dioniso é de ordem essencialmente orgiástica, a religião órfica adotou também certas regras ascéticas de abstinência, visando a purificação da alma. Entre os preceitos para purificação, além da prescrição de abstinência de carne, havia “um mandamento que ordenava a justiça na conduta da vida”¹⁴, como relata W. Jaeger.

Voltando à questão inicial, o que é o órfico-pitagorismo?

Segundo estudou F. M. Cornford¹⁵, a escola pitagórica acrescentou elementos novos aos mistérios órficos, tendo empreendido uma espécie de intelectualização do conteúdo do orfismo, convertendo-o de apenas culto ou ritual que era, em um modo de vida no qual buscava-se a purificação da

¹² CORNFORD, F. M. **De la religión a la filosofía**, *passim*.

¹³ GRIMAL, P. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Trad. Victor Jabouille. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993, p. 341.

¹⁴ JAEGER, W. **La Teologia ...**, p. 63

¹⁵ CORNFORD, F. M. **De la Religión a la Filosofía**, *passim*.

alma através de preceitos que deveriam ser seguidos pelo corpo, tais como o de abster-se de carne e o de buscar a sabedoria (*sophía*).

A *theoría* órfica, que consistia numa espécie de estado ritual orgiástico, durante o qual o iniciado identifica-se com o Orfeu dilacerado, “morre a sua morte e renasce em seu renascer”¹⁶, teria sido, portanto, reformada por Pitágoras, passando a ser um estado de contemplação da verdade imutável, através da busca da sabedoria (*sophía*). Aliás, Heráclito de Pontos afirma que Pitágoras foi o primeiro a usar a palavra *philosophós*¹⁷.

Na reforma pitagórica do orfismo, segundo F. M. Cornford, “o modo de viver continua sendo morrer”, mas esse morrer refere-se também ao aniquilamento das emoções e apetites de um corpo transitório, e uma libertação do intelecto para ocupar-se da “serena experiência” da *theoría*, na qual o antigo ritual orgiástico dá lugar à contemplação das verdades. No pitagorismo, permaneceu o caráter iniciático das religiões de mistérios e conservou-se “certas prescrições ascéticas da *áskeis* órfica”¹⁸ para expulsar os instintos inferiores. Explica, ainda, F. M. Cornford, que:

... os mistérios se reservam para o iniciado, para o que já sofreu a purificação e que, em conseqüência, encontra-se em um estado anímico que o faz apto para consumir essa experiência¹⁹.

Ora, a experiência pitagórica de contemplação parece ser uma espécie de êxtase, atingido apenas pelos iniciados através de exercícios respiratórios, das *phrenas* ou *prapídes*. Esta informação nos leva ao necessário esforço de esclarecimento acerca do termo *phrén*.

Phrénas, originalmente significa “membranas”, referindo-se, mais exatamente, às membranas que envolvem os órgãos da região do tórax ou diafragma, as quais desde Homero têm a função ou capacidade de reagir diante de um evento externo, que as toca e faz vibrar. Em seu **Estudo sobre o noûs em Homero, Hesíodo e Lírica**, S. M. F. Cúri, destaca que “*phrén* é, indiscutivelmente, a membrana que serve de envoltório ao coração, ao fígado, às entranhas e, por extensão, segundo Bailly, a membrana que envolve qualquer órgão”²⁰. Quando algo toca as *phrénas* de fora para dentro, ocorre ne-

¹⁶ *Id.*, p. 230.

¹⁷ Cf. menciona F. M. Cornford, *op. cit.*, p. 232, Heráclito de Pontos diz isso em seu discurso sobre as Três Vidas. Consta, ainda, nessa obra, que “A *theoría* pitagórica designava primordialmente a contemplação dos céus”.

¹⁸ CORNFORD, F. M. **De la religión a la filosofía**, p. 232.

¹⁹ *Id.*, p. 231.

²⁰ CÚRI, S.M.F. **Estudo sobre o noûs em Homero, Hesíodo e Lírica**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2000, p. 45.

las uma espécie de tremor, produzindo uma espécie de conhecimento e reação, correlatos ao evento que as tocou. Como explica S. M. F. Cúri, a *phrèn*:

Como membrana fina, vibra em movimentos sutis quando recebe algo, ou seja, qualquer fato que a movimenta. Tal mover-se expressa sentimentos, paixões, vontade, como se essa membrana tivesse nela mesma o poder de perceber, numa espécie de “pensamento no e do peito”, uma espécie de ‘saber sensorio-emocional-perceptivo’²¹.

Entre os iniciados dos mistérios pitagóricos, os exercícios respiratórios, das *phrenas* ou do *prapídes*²² (= literalmente diafragma, portanto similar ou próximo às *phrenas*), desempenham papel fundamental para o saber. Um homem que tem o domínio do *prapídes* é um *theiós anér* que sabe coisas que os homens comuns, não iniciados, não podem saber.

Portanto, na ordem pitagórica, o iniciado que tem o domínio de seu *prapídes* é um *theiós anér*. A esse homem sagrado é dado contemplar o que o estudioso F. M. Cornford denomina verdade imutável, alcançando assim a *sophia* e tornando-se um *philosophós*. Empédocles foi um desses homens.

Examinemos, agora, algumas notícias concernentes exclusivamente às características consideradas místicas nesse pré-socrático. Essas características místicas costumam ser tratadas, pelos manuais tradicionais de Filosofia, em tom diferenciado daquelas que dizem respeito ao chamado “pensamento físico” de Empédocles, expresso no poema **Sobre a Natureza**, como se dissessem respeito a outra face, mística e oposta à do filósofo científico, retratada no poema **Purificações**). Trataremos deste tema em outra oportunidade. A intenção deste comentário é apenas fazer notar nosso posicionamento contrário à cisão que se convencionou fazer no pensamento empedocleano.

Mas, voltemos às notícias. Diógenes Laércio relata que:

No nono livro de suas histórias, Timeu conta que Empédocles foi aluno de Pitágoras, acrescentando que o acusaram de haver furtado os discursos do mestre...²³.

²¹ Id., p. 45-46. Para S. M. Darcus (DARCUS, S.M. *Daimon* Parallels the Holy Phren in Empedocles. **Phronesis** vol. XXII, nº 3, 1977), que estudou o uso do termo em Xenófanes e Empédocles, *phrenas* não são, nos escritos desses filósofos, diafragma, pulmão ou algo similar, mas sim entidades psíquicas localizadas na região do peito, as quais, aparentemente têm um formato circular ou de “uma coisa que envolve” (*encompassing*). Essas *phrenas* são a sede de atividades emocionais, volitivas e intelectuais.

²² Cf. Fragmento 110, Sobre a Natureza, HIPÓLITO. Refutação: “Pois se, sob entranhas (*prapídessin*) cerradas tendo-as firmado/As contemples com exercícios puros/ elas serão todas para ti presentes ao longo da vida...” in BOLLACK, J. **Empédocle**. Vol. II, Les Origines. Paris: Gallimard, 1969, p. 262-263.

²³ Diógenes Laércio, VIII, 53-54.

Conta também²⁴, acerca dos poderes mágicos e curativos de Empédocles, que em certa ocasião ele conteve ventos fortíssimos, dispendo odres confeccionados com pele de asnos ao redor e no cume das montanhas, e que por essa razão passou a ser chamado “domador de ventos”; e que, de outra feita, teria mantido uma mulher em estado cataléptico, sem os sinais vitais, durante trinta dias, após os quais a teria ressuscitado, fato admirável que contribuiu para sua fama de médico e adivinho.

Segundo o intérprete J. Brun, que infelizmente não cita a fonte de onde recolheu a notícia, Empédocles era capaz de apaziguar ânimos exaltados por meio da música, a qual, como se sabe, é estreitamente associada às doutrinas pitagóricas. Como narra J. Brun:

Conta-se, também, que pela onipotência da música, era capaz de apaziguar as paixões. Foi o que fez quando, vendo surgir em casa de seu hospedeiro um jovem furioso que lhe lançava em rosto ter condenado seu pai à morte, conseguiu restituir a calma ao que a tinha perdido, cantando os versos da **Odisséia** onde se fala do *nepentés*, a droga que acalma a dor, a cólera e cura todos os males²⁵.

P. Seligman (autor que também nega a cisão tradicionalista entre os dois poemas e afirma que, muito embora não seja possível assimilar um escrito no outro, há diversos pontos de contato entre eles, ou seja, uma relação de complementaridade entre o **Sobre a Natureza** e as **Purificações**) nos diz que:

Empédocles foi um cientista e um médico, mas também um poeta e um místico, tendo sido um seguidor da lógica parmenidiana, bem como um iniciado nos ritos de mistério, e provavelmente um membro da ordem Pitagórica²⁶.

Ora, desde que tenhamos reunidos os subsídios necessários, ou seja, algum conhecimento sobre os mistérios órfico-pitagóricos, associado à abundância de notícias de que dispomos, é possível visualizar claramente o homem sagrado, o *theiós anér* que foi Empédocles, no Fragmento 132, do poema **Purificações**:

olbios, ôs theíon prapídon
ektésato plóuton,

Feliz o que de membranas²⁷ divinas
adquiriu tesouro,

²⁴ Id., 60-63.

²⁵ BRUN, J. **Os Pré-Socráticos**. Trad. Armindo Rodrigues. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 73.

²⁶ SELIGMAN, P. Soul and Cosmos in Presocratic Philosophy. **Dionysius** 2, p. 5-17, 1978.

²⁷ O tradutor utiliza-se do termo “entranhas” para verter a palavra **prapídon** ao português. Optou-se por substituí-la por “membranas”, para maior acordo com o sentido original, conforme o estudo empreendido anteriormente sobre **phrên**, termo praticamente sinônimo de prapídes, como se viu.

*deilòs dè, oi skotóessa theôn péri
dóxa ménelen*²⁸.

e mísero o que sobre deuses obscura
opinião mantém²⁹.

Na interpretação de J. Bacca³⁰, a bem-aventurança, ou felicidade, diz respeito ao conhecimento ou posse das membranas (*prapídon*) divinas, e não por um conhecimento teórico, no sentido moderno do termo. Tal interpretação parece ir de encontro à do pesquisador A. Delatte³¹, que afirma que Empédocles considera o diafragma, ou o *prapídes*, como “o órgão pelo qual se manifesta a divindade do *daímon*”³². Essas interpretações fazem todo o sentido, considerando o estudo empreendido sobre o termo *phrén*, quando se viu que, no homem, as *phrénas* vibram sutilmente quando tocadas, produzindo uma espécie de conhecimento e reação. Aceitando-se tais pressupostos, é possível dizer que, no caso de Empédocles, as *phrénas* ou *prapídes* são tocados pelo *daímon* e, portanto, manifestam o conhecimento divino.

Também no Fragmento 110 do poema **Sobre a Natureza**, o filósofo diz a Pausânias que poderá contemplar “as coisas”³³ se retesar, em exercício, os *prapídessin*. Segundo Kirk, Raven e Schofield, “as coisas” a contemplar tratam-se dos ensinamentos do mestre. Poderíamos dizer tratar-se da *sophía*.

Fragmento 110:

*ei gár kén sph' adinêisin ypò
prapídessin ereísas
eymenéos katharêisin eopteyseis
meléteisin,
taúta té soi mála pánta di' aiónos
parésontai
alla te póll' apò tónd' ektéseai autà
gàr aykseí*

Pois se, sob entranhas cerradas tendo-as firmado,
bem disposto as contemples com puros cuidados,
estas (coisas) serão todas para ti pela vida presentes,
e outras muitas a partir delas terás...³⁴

²⁸ DIELS, H., KRANZ, W. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. Berlim: Weidmannsche Verlagshandlung, 1954, p. 365.

²⁹ Fragmento 132, CLEMENTE DE ALEXANDRIA, **Tapeçarias**, in Pré-Socráticos. Volume II, Coleção Os Pensadores, *op. cit.*, p. 45.

³⁰ BACCA, J. D. G. in **Los Presocráticos**. 6 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

³¹ DELATTE, A. **Les conceptions de l'enthousiasme chez les philosophes présocratiques**. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1934, p. 21-27.

³² Id., p. 27.

³³ KIRK, RAVEN E SCHOFIELD, KIRK, G.S., RAVEN, J.E. E SCHOFIELD, M. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. Trad. De Carlos Alberto Louro Fonseca. 4ª ed. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1994.

³⁴ Fragmento 110, HIPÓLITO, Refutação, in Pré-Socráticos. Volume II, Coleção Os Pensadores. *op. cit.*, p. 42.

Que o pensamento de Empédocles tenha influência pitagórica, parece não restar qualquer dúvida. Como Pitágoras, foi um *daímon*, como ele mesmo afirma no fragmento 115 das **Purificações**, referido entre os intérpretes como o fragmento do “Oráculo da Necessidade”:

Há um oráculo da Necessidade, antigo decreto dos deuses, eterno, selado com amplos juramentos: quando algum destes *daimones*, espíritos a quem cabe uma longa vida, peca e polui os seus próprios membros com derramamento de sangue e pelo seu erro falseia o juramento que fez, anda errante, longe dos bem-aventurados, três vezes dez mil anos, nascendo durante esse tempo em toda a casta de formas mortais, que mudam de um para outro dos penosos caminhos da vida. A força do ar persegue-o até o mar, o mar o cospe para a superfície da terra, a terra o lança para os raios do Sol resplendente, e o Sol para os redemoinhos do ar; recebe-o do outro, mas todos o odeiam. Destes também eu agora faço parte, desterrado dos deuses e errante, por ter confiado na tresloucada Discórdia³⁵.

Mas, o que é o *daímon* que Empédocles diz ser? Isso será assunto para outra comunicação. Diremos apenas que o *daímon* está diretamente relacionado à teoria da metempsicose da doutrina órfico-pitagórica, na qual crê Empédocles, cuja história parece começar em Hesíodo e estender-se até Platão. Quando se aproxima da noção de *daímon*, aproxima-se também de Empédocles e de suas teorias.

A título de provocação, não podemos deixar de apontar a correspondência entre o movimento do *daímon* no fragmento 115 citado, extraído do poema **Purificações** e o movimento dos quatro elementos, que vemos agitados pela luta entre *philia* e *neikos*, no **Sobre a Natureza**.

Finalizamos a “provocação” com a seguinte citação de W. Jaeger:

Interpenetram-se em Empédocles as crenças órficas da alma e a filosofia jônica da natureza. A sua síntese mostra-nos de modo muito significativo como as duas doutrinas se unem e complementam numa mesma pessoa. É símbolo desta união complementar a imagem da alma [W. Jaeger diz alma porque entende *daímon*=alma], balançada para cá e para lá no turbilhão dos elementos: o ar, a água, a terra e o fogo, empurram-na e atiram-na de uns para os outros, incessantemente. “Assim sou eu, como um exilado dos deuses, que vagueia daqui para ali”(Fr 115,13).³⁶

³⁵ Fragmento 115, Hipólito Ref. VII, 29, 14 (versos 1-2, 4-14) e Plutarco de exílio 17, 607 c (versos 1,3,5,6,13), recolhidos por KIRK, G. S., RAVEN, J. E. e SCHOFIELD, M. *Op. cit.*, p. 330.

³⁶ JAEGER, W. **Paidéia**, *passim*.

S. M. Darcus, autora de uma interessante tese que relaciona os dois poemas empédocleanos através de uma relação entre a *phrèn hieré* do **Sobre a Natureza** e o *daímon* das **Purificações**³⁷, explica que:

A palavra deriva da raiz *dai-*, com o significado de ‘dividir’ ou ‘distribuir’. Em autores anteriores a Empédocles, *daímon* é usualmente um ser divino, inferior aos *theói* e responsável por atribuir ao homem o seu destino. Empédocles usa o termo para descrever o ser divino exilado da companhia dos deuses, e que é forçado a se purificar através da transmigração. No homem, *daímon* é uma força interior ativa, que age para modelar sua vida³⁸.

A autora, embora não defina quem são os “autores anteriores a Empédocles”, possivelmente terá recolhido sua definição no período homérico-hesiodico.

Platão, no diálogo **Epínomis**, estabelece uma hierarquia de divindades, e situa os *daímones* em segundo lugar entre os deuses visíveis³⁹, sendo que o primeiro lugar é ocupado pelos astros. Aos *daímones*, diz ele, deve-se honrar com preces, em agradecimento a sua função mensageira benéfica. É sempre válido atentar para as próprias palavras de Platão, por serem muito difíceis de resumir:

... entre as divindades visíveis, os maiores, mais veneráveis e percebidos de toda a parte com maior nitidez, em primeiro lugar teremos que colocar os astros e todos os corpos que entram na composição do seu cortejo; a seguir, e abaixo deles, na ordem estabelecida, situaremos os *daímones*; quanto à espécie aérea, que ocupa lugar intermédio e vem em terceiro lugar, dada a sua função de mensageira, é dever urgente de todos nós honrá-la com preces, em reconhecimento de sua mediação benéfica. Dessas duas espécies de *daímones*, os que são constituídos de éter, e os que lhe seguem, feitos de ar, diremos que são totalmente transparentes. Com efeito, por mais próximos que estejam de nós, nem por isso se tornam perceptíveis; todos participam de uma inteligência admirável, por aprenderem com facilidade e serem dotados de memória, além de conhecerem todos os nossos pensamentos e amarem de maneira especial os que no nosso meio se

³⁷ A autora pensa que assim como as *phrontides* do *théos* (i.e. a *phrèn hieré* – vide estudo sobre as *phrénas*), *phília* e *neíkos*, determinam o comportamento do cosmos, as mesmas duas potências, enquanto inerentes ao *daímon*, determinam o comportamento do homem, em processo similar. Ambos, *phrèn hieré* e *daímon*, são divinos e “expressariam” *phília* e *neíkos*. “Both the daimonic and physical cycles have the same cause: the Holy Phren expresses two phrontides, Love and Strife, adn daimon, these same feelings.”

³⁸ DARCUS, S. M. *Op. cit.*, p. 185-186.

³⁹ Quanto aos invisíveis, em **Epínomis**, 984e, diz Platão: “Com respeito aos deuses, Zeus, Hera e todos os outros, que cada um de nós os disponha na ordem que entender...”

mostram virtuosos, ao passo que odeiam os indivíduos perversos. Explica-se: é que os *dáimones* são acessíveis à dor...⁴⁰.

Na seqüência, poder-se-á constatar que, apesar da sofisticação própria do pensamento platônico, o filósofo parece remeter-se ao mesmo sentido do *daímon* empedocleano.

Antes de Platão, na tradição hesiódica, os *dáimones* são os homens da raça de ouro, que originalmente viviam como deuses, e que, com o fim da idade de ouro foram convertidos por Zeus em mensageiros dos deuses, encarregados de zelar pelos homens mortais. Conforme os seguintes versos de

Os Trabalhos e os Dias:

Mas depois que a terra esta raça cobriu
eles⁴¹ são, por desígnios do poderoso Zeus, gênios (*dáimones*)
corajosos, ctônicos, curadores dos homens mortais.
[Eles então vigiam decisões e obras malsãs,
vestidos de ar vagam onipresentes pela terra.]
E dão riquezas: foi este seu privilégio real⁴².

No estudo da doxografia e fragmentos empedocleanos, que empreendeu A. Delatte⁴³, na busca do conceito de entusiasmo ou *manía*, o pesquisador identificou, nos escritos do filósofo pré-socrático, duas espécies de *manía*: a primeira, na qual não nos deteremos, encontra-se no escopo do poema físico e é resultante de um desequilíbrio fisiológico, e a segunda é o resultado de uma purificação (*kathársis*, *katharmós*) da alma, obviamente encontrada nas **Purificações**. O autor explica que no homem habita um *daímon*, oriundo do mundo dos deuses, que foi condenado a viver na terra em punição de uma falta cometida, a qual expiará somente no curso de reencarnações sucessivas. Por se tratar de um ser divino, desterrado do convívio dos deuses, buscará escapar o mais rápido possível do círculo das encarnações dentro do mundo da Discórdia, para recuperar seu lugar junto aos deuses de longa vida.

Ainda segundo a pesquisa de A. Delatte⁴⁴, quando o *daímon* tem consciência de sua origem e destino divinos, como é o caso de Empédocles, ele buscará purificar-se através de práticas que o ajudem a se libertar da escravidão do corpo, tais como a contemplação, através dos exercícios do *práides*, a abstinência de carne, entre outros preceitos que não nos chegaram.

⁴⁰ PLATÃO. **Epínomis**, 984e, 985a-b. *Leis e Epínomis*, V. XII – XIII. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

⁴¹ Eles: os homens da raça de ouro.

⁴² **Os trabalhos e os dias**, 120-126.

⁴³ DELATTE, A. *Op. cit.*, p. 21-27.

⁴⁴ Idem.

Em seu processo de purificação, o *daímon* passa por uma série de reencarnações nas quais, a cada uma, eleva-se em dignidade, sendo que, na sua última vida entre os homens, nasce como adivinho, poeta, médico, condutor de homens, de onde partirá para o convívio dos deuses, coberto de honrarias, conforme demonstram os seguintes fragmentos:

Mas por fim vêm para o meio dos homens terrenos como adivinhos, bardos, médicos e príncipes; e daqui se erguem como deuses, superiores em honrarias e a compartilhar com os outros imortais da sua lareira e a sua mesa, sem quinhoarem das humanas tristezas ou conseiras⁴⁵.

Com relação a Empédocles, especificamente, A. Delatte afirma que: “Os quatro estágios de vida mencionados nesses versos são precisamente aqueles pelos quais passa Empédocles em sua vida terrestre”⁴⁶, razão pela qual ele se apresenta da forma que logo se verá início do poema **Purificações**.

Nota-se, com isso, que o *daímon* relaciona-se diretamente a uma teoria da alma, originária, ao que tudo indica, dos mistérios órficos e reformada por Pitágoras⁴⁷.

Ora, também a doutrina da metempsicose, na qual parece ter se instruído Empédocles, é creditada a Pitágoras. Porfírio, na obra **Vida de Pitágoras** noticia a doutrina de Pitágoras acerca da imortalidade da alma:

Primeiro, que a alma é algo imortal e que se transforma nas demais classes de seres vivos; segundo, que tudo quanto vem à existência voltará a nascer nas revoluções de certo ciclo, com o que nada é absolutamente novo; e, enfim, que todos os seres que nascem com vida devem ser tratados como afins (*homogenê*)⁴⁸.

W. Jaeger demonstra a síntese entre as crenças de fundo órfico-pitagórico acerca da alma e a teoria física de Empédocles, comparando a imagem do *daímon* errante, exilado dos deuses, com o turbilhão de elementos no vórtice, movimentados pelo tumulto causado pelo clangor da luta entre *philia* e *neikos*. Diz o autor:

Interpenetram-se em Empédocles as crenças órficas da alma e a filosofia jônica da natureza. A sua síntese mostra-nos de modo muito significativo como as duas doutrinas se unem e complementam numa mesma pessoa. É símbolo desta união complementar a imagem da alma, balançada para cá e para lá no turbilhão dos elementos: o ar, a água, a terra e o fogo, empurram-na e atiram-na de uns para os

⁴⁵ Fragmentos 146 e 147, Clemente. **Strom.** IV, 150, 1 e V, 122,3, recolhidos por KIRK, G. S., RAVEN, J. E. e SCHOFIELD, M. *op. cit.*, p. 332.

⁴⁶ DELATTE, A. *op. cit.*, p. 24.4

⁴⁷ A forma pela qual se dá essa relação, *daímon*-teoria da alma, constitui mote para um outro trabalho, para o qual certamente se exigirá o estudo de textos platônicos.

⁴⁸ PORFÍRIO, **Vida de Pitágoras**, 18, 19, citado por F. M. Cornford, *op. cit.*, p. 233.

outros, incessantemente. “Assim sou eu, como um exilado dos deuses, que vagueia daqui para ali” (Fr 115,13)⁴⁹.

Embora tome-se a liberdade de falar-se em “teoria da alma”, é preciso ter em mente que Empédocles não se utiliza do termo: ele fala em *daímon*, e nada indica que *daímon* e alma sejam a mesma coisa. Por outro lado, nada indica que não sejam, e W. Jaeger parece pensar que de fato são. Mais uma questão que permanece em aberto, para futuros estudos.

Além do mito de Orfeu, há as teogonias órficas, atribuídas a Orfeu, belíssima e muito semelhante à **Teogonia** de Hesíodo e a algumas passagens de Empédocles.

A título de evidência inicial do que se deseja demonstrar, transcreve-se abaixo um trecho da comédia **As Aves**, de Aristófanes, cuja teogonia parodiada é considerada “um híbrido congraçador de elementos de Hesíodo, de Empédocles e dos Órficos”⁵⁰. Conta Aristófanes:

No princípio havia o Caos, a Noite, o negro Érebo e o Tártaro imenso. Terra, Ar e Céu ainda não existiam nesse tempo. No seio infinito de Érebo, antes de mais, a Noite de asas negras produziu, sem gérmen, um ovo, de onde, com o curso das estações, nasceu Eros o desejado, com o dorso brilhante de asas douradas, impetuoso como o turbilhão dos ventos. E foi ele que, ao unir-se, durante a noite, ao Caos alado, na vastidão do Tártaro, chocou a nossa raça, e a trouxe, antes de qualquer outra, à luz do dia. Nessa altura não existia ainda a geração dos imortais, antes de Eros ter reunido todos os elementos. E foi só à medida que se foram unindo uns com os outros que nasceu o Céu, o Oceano, a Terra e a raça imortal dos deuses bem-aventurados, todos eles⁵¹.

Vejamos o que diz Empédocles no Fragmento citado e comparado com Aristófanes. Como se nota, além dos temas propriamente hesiódicos que ele contém, há os órficos⁵²:

...quando *Neikos* chegou ao mais fundo abismo do vórtice,
e que em pleno torvelinho *Philótes* fica,
nela todas estas (coisas) convergem a ser um só,
não de vez, mas queridas compondo-se uma de cada canto.
E elas misturando-se fundiam-se mil raças de mortais;
muitas porém sem mescla ficavam por entre as misturadas,
quantas ainda *Neikos* retinha suspenso; pois não perfeitamente
delas retirara todo a extremos limites do ciclo,

⁴⁹ JAEGER, W. *Paidéia...*, p. 196.

⁵⁰ ARISTÓFANES. **As Aves**. Tradução, comentários e notas de Maria de Fátima Sousa Silva. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 114.

⁵¹ Id., 693-705.

⁵² O ovo cósmico e *Phanes* alado, figurado como Eros na comédia.

mas em parte ficava dentro, em parte saía.
 Mas quanto a ele sempre se excluiu, tanto sempre afluía
 clemente de *Philótetos* impecável imortal corrente;
 logo mortais nasciam os que sabiam ser imortais;
 e misturados os antes puros, permutando os caminhos.
 E eles se misturando fundiam-se mil raças de mortais,
 em variadas formas combinados, prodígio de se ver⁵³.

O intérprete W. Jaeger, afirma que a *philia* empedocleana nada mais é que o Eros primordial hesiódico, que “volta a ter uma poderosa influência”⁵⁴. Diz o autor:

Para Empédocles é o Amor (ou, como ele o chama, a *philia*) a causa eficiente de toda união de forças cósmicas. Esta função está simplesmente tomada do Eros de Hesíodo⁵⁵.

[recebido em maio de 2003]

BIBLIOGRAFIA

- HESÍODO. **Teogonia**. Estudo e tradução de J. A. A. Torrano. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- _____. **O Trabalho e os Dias**. Tradução, introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- BOLLACK, J. **Empédocle**. Vol. I e II. Paris: Gallimard, 1969.
- CORNFORD, F. M. **De la Religión a la Filosofía**. Trad. Antonio Pérez Ramos. 1ª ed. Barcelona: Editorial Ariel, 1984, p. 230.
- DIELS, H., KRANZ, W. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. Berlim: Weidmannsche Verlagshandlung, 1954.
- JAEGER, W. **La Teología de Los Primeiros Filósofos Griegos**. Trad. José Gaos. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

⁵³ Fragmento 35, SIMPLÍCIO, **Do Céu**, in **Pré-Socráticos**. Volume II, Coleção Os Pensadores. op. cit. (Substituímos os termos utilizados pelo tradutor, José Cavalcante de Souza, Amizade e Ódio, pelos termos originais em grego, cotejados em Kirk, Raven e Schofield. *op. cit.*)

⁵⁴ JAEGER, W. **La Teología**..., p. 22.

⁵⁵ Id., p. 21.